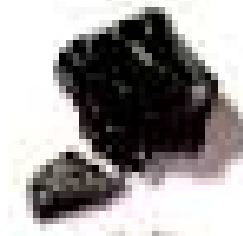
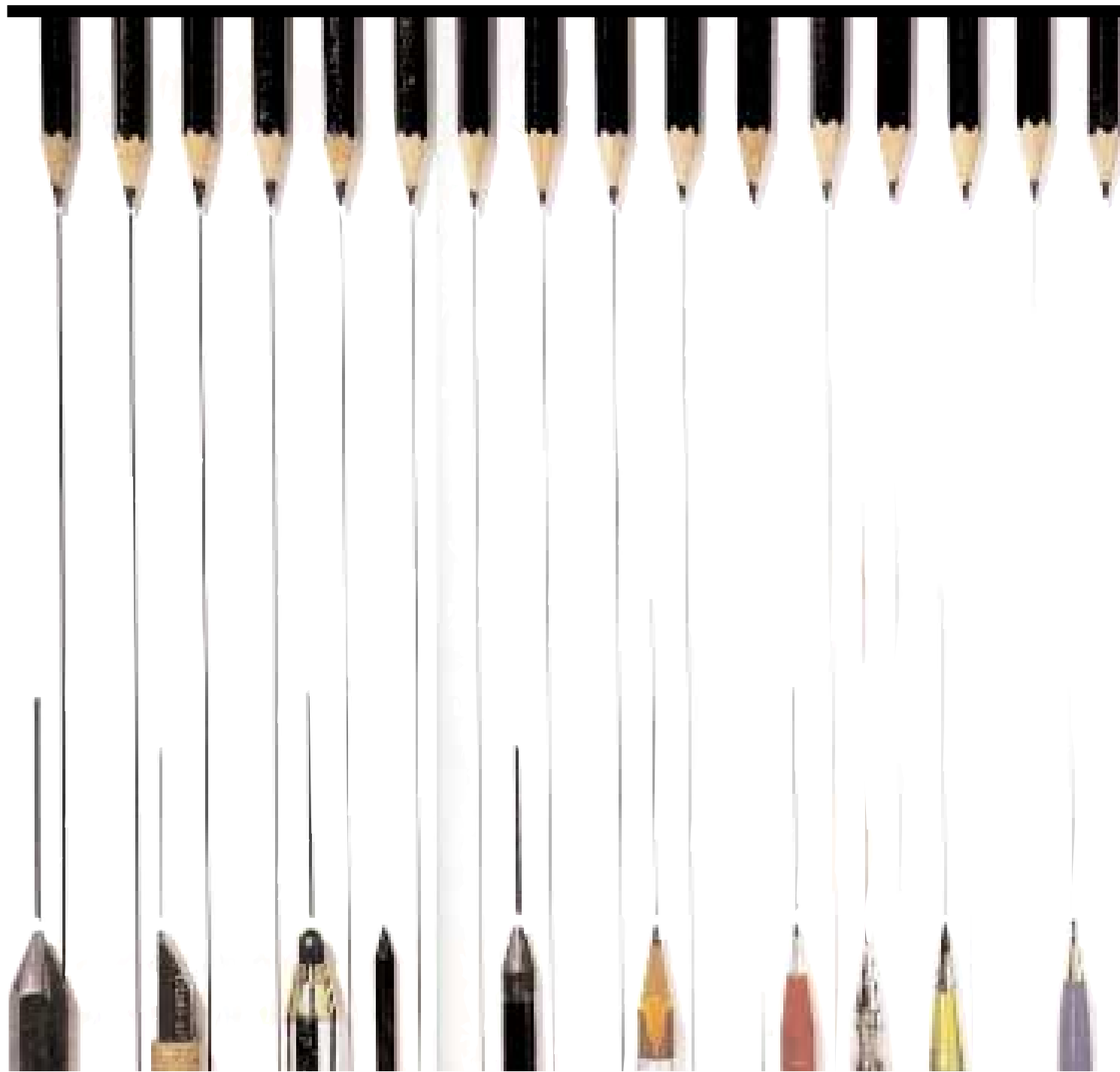


LÁPIS

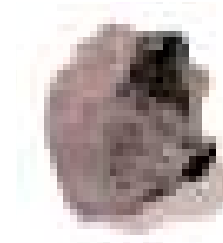
Objeto anônimo e universal

mínimo, e também “cult”, o lápis nos dá

a chave de leitura de um design essencial



Grafite



Argila

O lápis é tradicionalmente fabricado com madeira e grafite. Um moinho reduz grafite e argila a farinha, uma amálgama é misturada e um outro moinho homogeneiza a mistura, expelindo grandes fios, como um negro espaquete, que vai em seguida ao forno. Este forno, no entanto, só é utilizado para o lápis preto, pois o calor destruiria o pigmento daqueles coloridos. Depois de um banho de parafina, o grafite é inserido nas tábuas de madeira, que são refiladas e cortadas. E o lápis está pronto.

O grau de dureza do lápis é assinalado pelas letras H (hard, dura), para o mais duro, B (black, preto), para os mais macios e, entre os dois, temos F (firm, firme) e HB (half hard, dureza média). Quanto mais alto é o número que acompanha as letras, mais duro é o grafite



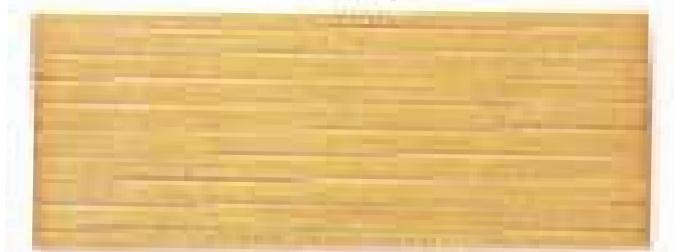
Grafite mole



Grafite seco, cozido e imerso na parafina



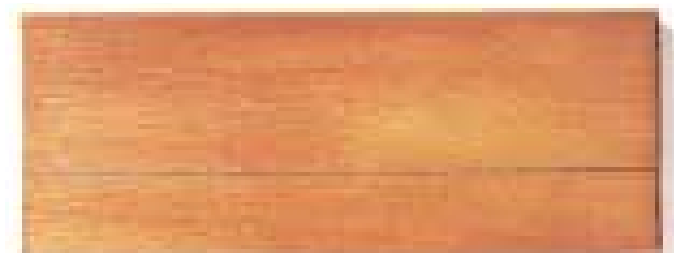
Tábua de madeira



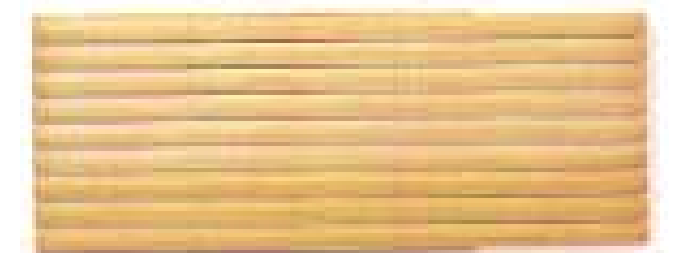
Tábua de madeira fresada



Tábua com grafite inserido



Tábua casada



Tábua casada, fresada dos dois lados



Lápis bruto



Lápis laqueado



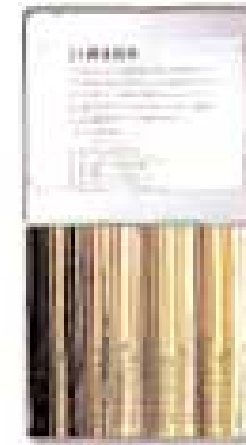
Lápis laqueado e com ponta

Embora raramente se declare o tipo de madeira usado no lápis, o cedro é o mais utilizado. Hoje é grande a sofisticação dos vernizes de acabamento, fazendo parecer nobre e de prestígio aquele lápis de madeira natural que era em tempos remotos desprezado

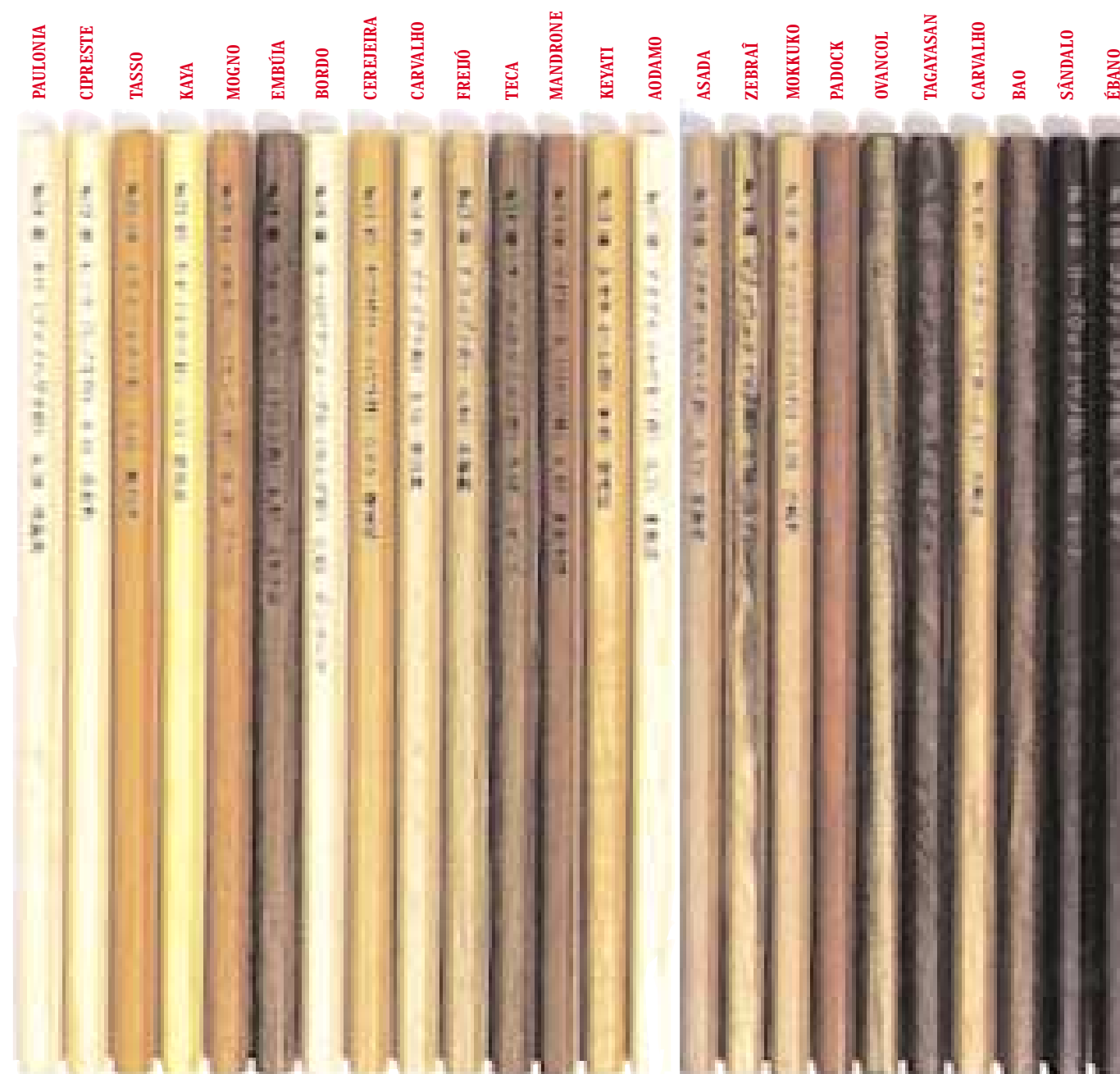
Grafite, argila, moinhos e fornos, parafina, a fábrica do lápis era a “reprodução do inferno dantesco”, nas palavras de um cronista italiano de 1908. Mas o que não diria ele hoje, quando este nosso primeiro amigo, o lápis, entra na lista dos produtos eco-amigáveis e muda seu visual e natureza. A palavra de ordem é o eco-writer, produzido 100% em fibra de papel e cartão reciclado, em vez da madeira. Não resolve o problema do descarte, mas já indica um caminho.

Mas os fanáticos pela ecologia não conseguirão acabar com este objeto do desejo, nosso primeiro amigo na infância, que entre outras utilidades servia para espetar o colega do banco da frente ou para ser mordido nas horas de raiva. Na trilha do lápis como objeto-fetiche, uma empresa japonesa acaba de lançar uma caixa com 24 lápis utilizando 24 madeiras diversas, aquelas que habitualmente são usadas na fabricação de móveis.

De acordo com o catálogo da exposição Matite, projeto de Marco Ferreri para a Giorgetti, veremos que são muitos os pequenos diferenciais desse objeto tão simples, dependendo da “receita” empregada, ou de sua finalidade de uso: das diferentes durezas do grafite, à qualidade da madeira utilizada, à cor do verniz de acabamento escolhido ou ao próprio formato do lápis. Como exemplo, o lápis amarelo, criado por um certo senhor Hardmuth, que desejava se distinguir dos outros fabricantes pela qualidade. Como o assunto do momento era o diamante Kohinur (montanha de luz), transferido em 1850 para a coroa inglesa, surgiu a marca Koh-I-Noor, em grafia absolutamente britânica. Há também a vasta tipologia dos lápis ornamentados, dos publicitários, do vermelho e azul usado pela professora que corrigia nossos deveres de casa, ou daqueles destinados às diversas profissões, como o lápis cirúrgico e o do carpinteiro, além do



Caixa de lápis japonesa com exemplares das 24 madeiras, do Brasil, Europa, Japão, África, utilizadas na fabricação de móveis



Conservamos a maioria dos nomes no original, visto se tratar de madeiras desconhecidas no Brasil

Este artigo é extraído do catálogo da exposição Matite (Lápis)
Projeto: Marco Ferreri, 96
Projeto gráfico: Emilio De Maddalena Fotos: Luca De Ceglie
Textos: E. Castruccio, F. Guaraldi, A. Ubertazzi
Cliente: Giorgetti S.p.A., Itália



lápis-gadget, que espalha pelo mundo o kitsch infantil. No que diz respeito à ecologia, o lápis é assunto prioritário, pela sua própria matéria-prima, a madeira, sendo bem definidas aquelas que poderão ser utilizadas, bem como a forma correta de talhar a árvore com menor dano à natureza. Segundo os técnicos, a madeira deve ser tenra e compacta, com poucos veios; o cedro, por exemplo, seria ideal. Uma verdadeira ciência, enfim, que encontra eco nas palavras do escritor italiano Carlo Dossi, em *Notte Azzurre* (Noites Azuis), “não é suficiente toda uma vida para se aprender a fazer uma boa ponta no lápis”.

Depois de decênios de esferográficas baratas e horrendas, a elegância ou o design dita o retorno do lápis nos reclames publicitários dos mais diversos produtos. Estes são, também, a nova moda em museus e hotéis sofisticados. Normalmente mais curtos, dourados ou prateados, já se transformaram em objetos de coleção. A escolha dos museus, como não poderia deixar de ser, recai na bela madeira natural, a mesma que um dia foi considerada sinal de pobreza, de produto sem prestígio ou qualificação.

Com formato quase sempre cilíndrico ou hexagonal, encontramos também alguns com o desenho oval, quadrado ou retangular. As medidas, desde os tempos mais remotos, obedecem ao mesmo standard de 175mm de comprimento, para o lápis já apontado, e 2mm a mais para os outros. O diâmetro do lápis padrão é de 8 a 9 milímetros, de acordo com a espessura da camada de verniz. O interessante é que o lápis de formato fora de série segue sempre esta proporção, variando o comprimento a cada vez que se modifica a largura.

O universo do lápis compreende ainda o alongador, que permite usá-lo até seu finalzinho, e o estojo, muito prático, normalmente produzido em plástico. Mas é enorme a fantasia humana, e estes complementos podem se transformar em jóias, símbolos de elegância, confeccionados em prata ou mesmo ouro, exibindo complicados adornos. O estojo mais famoso, segundo o livro que acompanha a exposição Matite, é o de Ambrogino Brambilla, personagem que, antes de abandonar a noiva, escreveu uma última carta, guardou o lápis em um tubinho transparente, lacrou um dos lados e fechou o outro com um cadeado, jogando a chave no rio Lambro.



Catálogo da exposição publicado por Corraini Editore, Mantova, 96.
A exposição Matite segue, no momento, um percurso itinerante por diversas capitais europeias